

## Quanto mais cedo, pior

**Liane Trece**

*“Lembrem-se do Pequeno Hans... O Pai é tudo o que há de mais agradável, é tudo o que há de mais presente, é tudo o que há de mais inteligente, é tudo o que há de mais amistoso para Hans, não parece ser nem um pouco imbecil e leva o Pequeno Hans a Freud – o que, afinal, na época, era dar mostras de um espírito esclarecido; mas, com tudo isso, ele é totalmente inoperante, na medida em que aquilo que diz é precisamente sem efeito – junto à mãe, quero dizer.” (Lacan, F.I. pág 199)*

Primeiro alguns esclarecimentos: Quando Sheyla Machado, me convidou em 2019 para apresentar um trabalho no nosso fórum sobre a clínica com criança e adolescente, eu, prontamente, aceitei o convite pois, vi a oportunidade de trazer para debater com vocês uma questão que tem me feito pensar desde a primeira vez que Aurélio, em várias das suas intervenções nos debates dos fóruns ou nas últimas jornadas, quando se tratava do tema relacionado a experiência clínica com bebês, criança ou adolescente, chamava a atenção que quanto mais cedo, o que aqui estou chamando de “trauma psíquico” acontece, é pior.

Dai vem o título do trabalho que preparei para debater hoje com as colegas e amigas, que gentilmente aceitaram o meu convite, Milene e Lorena, e com todos vocês.

Repetindo o título do meu trabalho, me parece evidente, seguindo a letra de Freud e Lacan, o porquê de Aurélio ter chamado atenção, várias vezes, para esse fato: que quanto mais cedo, pior...

É uma constatação clínica não só para quem trabalha com os Sujeitos ainda de calças curtas, como chamamos carinhosamente o

Sujeito do desejo sustentado por um corpo de criança. Sujeito da Psicanálise, Sujeito evanescente, representado por um significante entre outros significantes, Ser de linguagem e de Sexo, que é visado por toda Psicanálise em intenção.

Mas minha questão é: como dar conta dessa constatação a partir das contribuições advindas da mostra da estrutura de todo falasser pela escritura borromeana?

Como avaliar os efeitos de lalingua sobre o Sujeito sustentado por um corpo de criança?

Por que quanto mais cedo, pior?

O que faz trauma/ efeitos de trauma?

Esse foi o meu desafio. Para tanto me munir de muitas contribuições dadas durante esse ano pelos trabalhos apresentados aqui no fórum, especialmente o de Sandra, que me convocou, enquanto uma das suas debatedoras, a articular a castração Simbólica, a castração Imaginária e a castração Real à cadeia Borromena.

Hoje, parto do estudo que fiz para o debate do trabalho apresentado por Sandra, para dar conta de tentar me aproximar do desafio que eu mesma me fiz e que acabei de compartilhar com vocês.

Mas, antes, um esclarecimento: trata-se aqui de um ensaio. Trouxe, no que vou ler e comentar, um caminho ainda a ser percorrido, e espero poder trilha-lo com vocês.

Ao longo da nossa formação/produção somos forçados, enquanto analistas, a tomar partido.

É evidente que cada escolha, cada recorte teórico, cada citação, cada posicionamento, estão diretamente linkados (para usar uma palavra atual) às nossas transferências de saber, ao nosso estilo, e, porque não dizer, aos nossos sintomas.

Dito isso, vou começar considerando a importância dada à linguagem pela Psicanálise, não a linguagem que interessa aos linguistas ou as teorias da comunicação e sim a linguagem enquanto uma estrutura que vai produzir seus efeitos sobre o filhote do humano, antes mesmo do seu nascimento.

Parto também de algumas conclusões trazidas pelos colegas do Moebius, nas quais elas apontam para o fato da linguagem que importa aqui é a que foi concebida por Lacan ao longo do seu ensino, ou seja, aquela que afeta o Sujeito - a língua (Lacan, 1971) - essa “rede” como chama Aurélio Souza, que é formada por letras e significantes mantidos numa “vizinhança topológica”, sempre enriquecida pela polifonia.

Letras e significantes que podem ser modificados, decompostos, dobrados e combinados de diversas maneiras, possibilitando leituras diferentes do mesmo dito. Na Psicanálise em intenção, o nome do edifício, morada da infância, Eldorado, se transforma rapidamente em eldorado, paraíso, mas também em eu dourado...

O fato do somatório de língua afetar o Sujeito, mesmo antes do bebê ter nascido, (aqui tiro proveito das aulas 13 e 14, do seminário

da Angústia, nas quais Lacan apresenta o quadro da operação da divisão do Sujeito.

TRÊS ESTÁGIOS QUE CORRESPONDEM OS TRÊS TEMPOS DA OPERAÇÃO SUBJETIVA DO ADVENTO DO SUJEITO DESEJANTE: GOZO, ANGÚSTIA E DESEJO

Esse quadro condiz em um esquema algébrico já apresentado na aula 9 desse mesmo seminário, só que nessas aulas ele inverte os lugares do S e do a)

1°-**A** |     **S** (sujeito mítico)     **X – gozo** (nomeado retroativamente)

**Pergunta: quantas vezes S?? Qual o lugar que S ocupa no A? No A marcado pela interrogação aparece uma diferença entre esse A resposta e o A dado. Esta diferença é o que Lacan vai chamar de resto, o irreduzível do Sujeito, “algo que é o “a”.**

---

2°-**a** |     **A**           **angústia**

**O tempo da angústia é anterior ao tempo do desejo.**

**O “a” é o resto desta operação do advento do Sujeito no lugar do A, é daí que ele vai tomar sua função, o “a” é o irreduzível do Sujeito.**

**Função de “a”: função de resto do \$ como Real.**

3°-**\$** |                   **desejo**

**Advento do Sujeito desejante**

**Tanto na angústia como no desejo lidamos com o “a”**

Nessa aula Lacan vai nos dizer que a angústia não é sem objeto.

Logo em seguida ele vai chamar a atenção para a função da angústia: angústia enquanto sinal que não engana.

É diante deste *etwas* – algo – que a angústia opera como sinal, sinal deste algo que é para o homem o “necessário” da ordem do irreduzível do Real, é que a Angústia, de todos os sinais, é aquele que não engana.

É do lado do Real que devemos buscar a angústia como aquilo que não engana.

Este Real – e seu lugar – é exatamente aquele em relação ao qual, com o suporte da barra, pode inscrever-se a operação que se chama, aritmeticamente, divisão.

## Sobre a OPERAÇÃO DA DIVISÃO E O PROCESSO DA SUBJETIVAÇÃO: O QUADRO DA DIVISÃO SIGNIFICANTE DO SUJEITO

DO PROCESSO DA SUBJETIVAÇÃO - operação total de advento do sujeito no lugar do A (Outro):

É na medida em que é no lugar do A(Outro), sob as espécies primárias do significante, que o sujeito tem que se constituir, no lugar do A(Outro) e sobre o dado deste tesouro do significante já constituído no A(Outro) e tão essencial a todo advento da vida humana quanto tudo que podemos conceber do UMWELT (meio ambiente) natural.

É com relação ao tesouro do significante, que desde já o espera, e que constitui a distância onde ele deve se situar, que o sujeito, neste nível mítico, que ainda não existe, que apenas existe partindo do significante

que lhe é anterior, que em relação a ele é constituinte, o sujeito faz, no A(Outro), esta primeira operação interrogativa “quantas vezes S (Sujeito)” – qual o lugar que ocupa no A(Outro)?

A partir daí vai aparecer no A(Outro), marcado pela interrogação, uma diferença entre esse A(Outro) resposta e o A(Outro) dado, algo que é o resto, o irreduzível do sujeito, algo que é “a”; “a” é o que resta de irreduzível nesta operação total de advento do sujeito no lugar do A(Outro), e é daí que ele vai tomar sua função.

O “a” é o que representa o sujeito de modo Real e irreduzível. A(Outro) relação desse “a” ao S, esse “a” sobre S,  $a/S$ , é isto que fecha a operação de divisão, pois A(Outro) não tem denominador comum. No numerador está “a”, no denominador, o divisor, o S:  $a/S$ .

#### IMPORTANTE:

1. É com o “a”, objeto pedido, que lidamos, tanto no desejo, como na Angústia.
2. É porque antecede a constituição do Sujeito que “a” é a causa do desejo e não o objeto visado por ele.
3. Com a escritura da cadeia borromeana, Lacan pode fazer a mostra da equivalência do “S e do “a” causa do seu desejo, também chamado objeto mais de gozar, localizando o S no coração da cadeia borromena, ali, onde antes tinha localizado o “a”. (slide)

TRÊS ESTÁGIOS QUE CORRESPONDEM OS TRÊS TEMPOS DA  
OPERAÇÃO SUBJETIVA DO ADVENTO DO SUJEITO  
DESEJANTE: GOZO, ANGÚSTIA E DESEJO.

1º estágio - GOZO – O nível do X só podemos nomeá-lo retroativamente, ou seja, esta operação é apreensível apenas retroativamente – que é o encontro com o A(outro), o alvo essencial onde o Sujeito tem de se colocar.

Posteriormente Lacan vai nomear este lugar como sendo o lugar de GOZO e na nessa aula vai chamar o Sujeito deste nível, Sujeito mítico, Sujeito do Gozo.

2º estágio (nível) ANGÚSTIA – temos aqui o nível da Angústia na medida que é constitutivo da aparição da função de “a”, objeto causa do desejo.

Tempo mesmo que elidido, não referenciável no concreto, é essencial na constituição do Sujeito desejante.

3º estágio (termo) DESEJO – advento do \$ como Sujeito do desejo, Sujeito barrado.

Sujeito enquanto implicado no fantasma, na medida que ele, o Sujeito barrado, é um dos termos que constituem o suporte do desejo. Um dos termos porque o fantasma é Sujeito numa certa oposição a “a”.

Retomará o esquema algébrico, a formula da divisão, na aula 22.

Retomando... Então, o fato do somatório de lalingua afetar o Sujeito, mesmo antes do bebê ter nascido, nos faz apostar na existência de um suposto “Sujeito primitivo”, “Sujeito mítico”, “Sujeito do Gozo”, nomenclaturas que o próprio Lacan usa para nomear o Sujeito de um tempo anterior ao advento do desejo.

Partindo da premissa da ex-sistência do Sujeito primitivo, quando o somatório de lalingua, através de um processo de “incorporação”, o afeta, arrancado-o, de forma abrupta, da posição de gozo, deixa marcas irreversíveis, pois, é esse fato, ATO X, que vai determinar a perda radical que instaura o buraco central, que faz turbilhão no coração da cadeia borromeana, ali, vai nos esclarecer Lacan anos depois, no seminário 21, (pag 143, trad E.M.), exatamente ali onde há provas que não há relação/proporção sexual, encontro com o Real que faz *troumatisme*... *troumatisme* é um jogo de palavras no qual Lacan articula as palavras francesas *traumatisme*, trauma, com, *trou*, buraco.

*Troumatisme* que se constitui como sendo uma operação linguageira, que, mesmo sendo responsável pela desnaturalização e adoecimento do falasser, é uma operação necessária para que o filhote humano saia dessa condição de sujeito de Gozo, e advenha como Sujeito do desejo, tendo seu lugar assegurado no coração da cadeia borromeana. Ato X, responsável pelo enodamento do Real, Simbólico e Imaginário, ou seja, pela estrutura do falasser.



Estrutura que Lacan faz a mostraçãõ se utilizando da cadeia borromeana.

Charles Melman, psicanalista francês, relata, em uma das conferências do seu livro “A prática da psicanálise hoje”, que Lacan sempre defendeu a idéia de Freud de que aquilo que organiza a relação do Sujeito com o mundo é uma perda fundamental, fundadora, organizadora, definitiva e irrecuperável. Falta responsável pela origem de um Sujeito que não sabe o que quer, não sabe o que faz, não sabe o diz...

É nesse ponto que Lacan é mais freudiano, e é bem isso o que ele retoma em Freud, ou seja, o que o autoriza, conclui esse autor.

Essa perda, chamada também de perda inaugural, responsável pela ex-sistencia do Sujeito do desejo, vai metaforizar todas as outras perdas que o Sujeito irá experimentar ao longo da sua errância.

---

Perda que causa efeitos, afetações, que serão verificados na clínica, responsável por muitos embaraços e tropeços experimentados pelo Sujeito.

Eu até me arrisco a dizer que o Sujeito da Psicanálise é também um Sujeito embaraçado na sua teia/trança do desejo em função dos efeitos de lalingua.

Dito isso, posso dar um passo adiante e acrescentar que existe o *troumatisme* primordial, aquele que Freud se referia, responsável pelo enodamento do Real, Simbólico e Imaginário enquanto

operação inaugural do advento do Sujeito do desejo, equivalente ao Ato x, que no Seminário RSI, Lacan vai atribuir **a função dos nomes do PAI. (castração)**

O PAI ENQUANTO NOME É AQUELE QUE NOMEA... DÁ UM NOME... Nomear é um ATO.

Para Jean-Jacques Tyszler, no SEMINÁRIO DE PESQUISA: OS DESAFIOS ATUAIS DA PSICANÁLISE, 2018, o seminário RSI é a dobradiça na qual nós tomamos a dimensão das tentativas de Lacan em abordar questões sobre o PAI. Nesse seminário Lacan não dá uma resposta definitiva, mas expõe o desafio e as dificuldades que tem que enfrentar, e em cada encontro propõe um esclarecimento diferente sobre a questão do Nome-do-Pai.

Em uma das aulas desse seminário, que na nossa tradução cai na pág. 18, ele vai afirmar que a cadeia borromeana de 3 não se agüenta... O que foi que Freud fez? Pergunta... “Fez a cadeia de quatro a partir dos seus três, desses três que lhe suponho armadilha. Mas então, eis como procedeu: inventou algo a que chamou Realidade psíquica... complexo de Édipo.”

Já na pág. 31, sobre os Nomes do Pai (no plural) ele acrescenta que para manter o atamento do IMAGINÁRIO, do SIMBÓLICO e do REAL era preciso essa ação suplementar de um toro a mais, aquele cuja consistência seria de referir-se à função do Pai(...), só se mantendo a conjunção do SIMBÓLICO, do IMAGINÁRIO e do REAL, pelos Nomes do Pai.

Será essa função indispensável? Vocês podem estar se perguntando.

E é o próprio Lacan que responde: “Não é porque isso seria indispensável e que digo, aí, contra, que poderia isso ser controverso, como o é, de fato, sempre (...) é porque essa suplência é indispensável que ela tem vez: nosso IMAGINÁRIO, nosso SIMBÓLICO e nosso REAL estão, talvez, para cada um de nós, ainda num estado de suficiente dissociação, para que só os Nomes do Pai faça cadeia borromeana e mantenha tudo isso junto, faça cadeia a partir do SIMBÓLICO, do IMAGINÁRIO e do REAL.”

Até aqui tudo bem... porém, um pouco mais adiante ele acrescenta: “Ao que chegamos, então, é que, para demonstrar que o Nome-do-Pai nada mais é que esse Nó Borromeu, (no RSI Lacan ainda chamava a cadeia de nó) não há outro modo de fazê-lo senão se os suponho desatados.”

E não fica por aí... poucos parágrafos adiante ele vai afirmar que o Ato x, Ato que enlaça o Real, o Simbólico e o Imaginário borromeamente é o **Ato de nomear próprio da função Nomes do PAI.**

Ou seja, é o Nomes-do-Pai que faz Cadeia, enlaçando borromeamente cada dimensão... faz cadeia a partir dessa operação linguageira, operação primeva, *troumatisme*, responsável pelo buraco central, chamado também de ponto buraco ou buraco triplo, formado pelo Real, Simbólico e Imaginário, localizado no coração da Cadeia (tryskel).

Segundo o próprio Lacan, pode haver um número indefinido de nomes do Pai, ou seja, o nome-do-Pai não é privilégio de uma única consistência, como anteriormente dava a entender: a consistência do Simbólico.

Lacan chega a dizer que o que ele queria era falar para sua plateia que não era por nada que ele não tinha falado do nome-do-Pai. Quando ele começou ele falou dos nomes do Pai. Pois bem, os nomes do Pai era isso: o Real, o Simbólico e o Imaginário [...]

“isso... os nomes do Pai, os nomes primeiros enquanto nomeiam algo”. (Lacan, 1974/1975)

Em um outro trabalho apresentado no Fórum do Espaço Moebius, eu já tinha me posicionado em relação a função nomes do Pai. Na ocasião me coloquei ao lado daqueles que entendem que nomear é um ato, sim, a cargo dos nomes do Pai enquanto Função (fx). Assim, enquanto função não é, no meu entender, encarnado nem representado por um quarto Nó. Função (fx) nomes do Pai que, ao desempenhar o seu dever, possibilita o enodamento das 3 consistências, Real, Simbólico e Imaginário, inaugurando ao mesmo tempo os diferentes campos de gozos, dos quais o falasser sofre os seus efeito e deles precisa se defender.

Ato X que faz com que a estrutura funcione. Bem ou mal..., não importa... mas que funcione.

Melman não deixou essa questão passar despercebida.

Já em 1991, chama a atenção para a importância clínica do fato de que Lacan, no final de seu percurso, nos diz que Real, Simbólico e Imaginário eram os nomes-do-Pai...

Bem... Quando eu trago a questão colocada no título desse trabalho “Quanto mais cedo, pior”, estou me referindo a experiências traumáticas secundárias, terciárias... encontros com pedaços do Real, sem a mediação do Simbólico e Imaginário, quer seja com pedaços do Real do sexo, da dor, do ódio, da morte, da vida, do abandono, da ignorância, do amor, dos gozos... experiências traumáticas que recobrem o buraco inaugural da estrutura... experiências que deixam marcas na vida/morte do sujeito...

Há alguns meses me foi levada ao consultório uma garotinha de 6 anos. Os Pais, encaminhados pela pediatra, relatam que a filha tinha sido salva pelos médicos e enfermeiras...

Ao escutar o relato dos Pais, lembrava da fala de Lacan que o Sujeito nasce entre fezes e urina.... entre fezes, urina e sangue... A garotinha, portadora de algumas deficiências no corpo que sustenta o Sujeito em função da prematuridade do seu nascimento, gosta, de botar fogo nos objetos, em qualquer objeto, diz a mãe, inclusive nela própria...

Esse parto, prematuro, não metaforiza uma experiência traumática ao mesmo tempo que se configura com um encontro com pedaços do Real da morte? Ou seria Real da vida?

Assim, entendo, que a vivência de uma experiência, que tenha efeito de trauma, encontro com pedaços Real, sem a mediação do Simbólico e do Imaginário, em função da sua prematuridade, (afinal, quanto mais cedo, pior) deixa o Sujeito em uma posição de maior vulnerabilidade, em um maior embaraço. Deixa o Sujeito com as calças na mão.

A cada nova experiência traumática, aquelas que chamei secundárias e terciárias, o *troumatico* é, então, revivido e o Sujeito é reenviado ao mesmo lugar. Esse lugar ao qual o Sujeito é reenviado pode se tornar um ponto fixo, ponto de estancamento, dificultando o Sujeito se reinventar, gerando mais impedimentos, inibições, angústia e sintomas.

A análise não possibilitaria ao Sujeito voltar a deslizar pela cadeia borromeana, desmanchando esse/esses pontos fixos? Pontos de dobra nas dimensões?

Vou aqui fazer uma analogia com as calças curtas do sujeito suportado no corpo de criança.

Vesti-la pela 1ª vez seria equivalente a inventar a vida, (enodar o Real, o Simbólico e o Imaginário); vesti-la outra vez ou quantas vezes forem necessárias para o Sujeito, seria reinventar a vida, contá-la de uma maneira própria, colocando coisas suas nesse contar, não importa se com zíper para frente ou para trás, se com botão ou com elástico, desfazendo, assim, os pontos de estancamento, cada vez que a calça é vestida, pontos que impedem o sujeito avançar.

E isso, creio, é o mínimo que podemos fazer enquanto analista: esse Sujeito suposto a quem o analisante lhe atribui um saber. Saber sobre sua verdade.

Oferecer uma escuta... para ser mais rigorosa, pois a psicanálise é também uma prática de rigor, oferecer uma escuta que possibilite o analisante realizar leituras diferentes do mesmo seu dizer, que se faça caminhar até o ponto onde pense que é feliz por viver, é isso que eu espero de uma análise.

Assim, antes de terminar, peço licença para mais uma questão: Pode uma análise, levada a um bom termo, provocar uma transformação na estrutura do Sujeito?

Penso que minha resposta a essa questão só pode ser sim, e é, porque entendo o que a clínica, ao longo desses anos, e aqui eu incluo a clínica com criança e adolescente, tem me ensinado: que a estrutura de todos aqueles submetidos a Lei da linguagem, ou seja, de todo falasser, é flexível, apesar desses pontos de ancoragem, pontos de impedimentos e embaraços, que tornam a errância do Sujeito mais difícil, o que já não é pouco. É o inferno de cada um.

Para concluir cito um parágrafo de uma das conferências de Lacan nos USA, que me é muito especial:

*“Não penso que realmente possamos dizer que os neuróticos são doentes mentais.*

*Os neuróticos são a maioria.*

*Felizmente não são os psicóticos.*

*O que se chama de um sintoma neurótico é simplesmente algo que  
permite viver.*

*Vivem uma vida difícil e tentamos aliviar seu desconforto. As vezes  
não lhe damos um sentimento de normais.*

*Graças a Deus não os tornamos tão normais para que eles acabem  
psicóticos.*

*É o ponto em que temos que ser bem prudentes. Alguns dentre eles  
tem realmente a vocação de empurrar as coisas até o eu limite.*

*Desculpe-me se isso que eu disse parece, o que não é, audacioso.*

*Posso somente testemunhar o que minha prática me fornece.*

*Uma análise não pode ser empurrada pra muito longe.*

*Quando o analisante pensa que está feliz por viver, é o bastante”.*

Por enquanto, é só.

*Liane Trece*